

TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS E REDES SOCIAIS: A MOVILIDADE ESPACIAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS ARGENTINOS PARA FLORIANÓPOLIS (SANTA CATARINA, BRASIL)

INTRODUÇÃO

A necessidade de aprofundar o conhecimento dos fenômenos migratórios é um fato amplamente aceito na América Latina, uma vez que tanto as migrações internas como as internacionais tiveram um relevante papel no desenvolvimento econômico e social da região, não obstante a importância da mobilidade espacial da população na formulação de políticas de desenvolvimento regionais e setoriais. Além disso, em 20 anos de pesquisa sobre imigração no Brasil, há lacunas referentes à migração qualificada. Faz-se necessário avançar na reflexão sobre esse tipo de migração, que possui características diferentes da migração não qualificada¹, com o fim de contribuir para a construção do conhecimento da realidade migratória.

À medida que indagamos a imigração de acadêmicos ao Brasil, percebemos que motivos tais como exílios políticos e econômicos, melhores condições acadêmicas no Brasil e contatos acadêmicos eram os mais usados para explicar o fenômeno através de enfoques economicistas. Nossa compreensão do processo fez com que utilizemos – além dessas – outras categorias analíticas, simbólicas, imaginárias e inconscientes para compreender as trajetórias desenhadas pelos migrantes. Encontramos nesta pesquisa certas relações entre os motivos da migração e as trajetórias que se entrecruzam no campo imigratório formando uma rede de professores argentinos atuando no Brasil.

Quando e onde começa a migração de acadêmicos argentinos para Florianópolis? Possivelmente começou no século passado com a perseguição aos judeus, ou talvez com a migração de europeus para a América, quem sabe

¹Com imigração qualificada fazemos referência ao deslocamento espacial para o Brasil de argentinos, no como mínimo, estudos superiores completos. Contrariamente a não qualificada é representada por sujeitos sem formação superior

ao admirar uma escultura ou ao pensar e criar imagens de um espaço desconhecido. É difícil estabelecer onde começou ou qual a origem da imigração no tempo e no espaço para sujeitos formados culturalmente por povos errantes. Povos nascidos por interferências culturais constantes e marcados pela diferença.

Trajetórias

O estudo da trajetória migratória constitui um enfoque longitudinal que possibilita a compreensão do modo pelo quais as pessoas conjugam diferentes práticas residenciais no transcurso das etapas de seu ciclo de vida.² De certo modo, quando se pensa em trajetória, a idéia parece reduzir-se ao caminho diacrônico de uma pessoa, sem considerar que as trajetórias ou os caminhos dos imigrantes cruzam-se entre si possibilitando a formação de redes. Na resenha ao livro de Doreen Massey, “*Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*”, Santos (2008) ressalta que a autora parte do pressuposto de que o espaço é um encontro de múltiplas trajetórias cujo arranjo não se conforma à representação de uma superfície plana e pontual, diferenciando as categorias de espaço e mapa.

Pensar na rede migratória é pensar nesse espaço sincrônico onde as trajetórias individuais se atravessam como produto de relações sociais. “O espaço é produto de relações sociais – relações essas que se formam coetaneamente e cujo emalramento é tecido por uma miríade de distintos tempos e lugares” (SANTOS, espaço e tempo se constituem conjuntamente. O mundo é temporal e espacial.

O tempo-espaço que a autora laboriosamente edifica constitui-se de múltiplas trajetórias que se encontram no *aqui agora*. Se o tempo como processo está aberto ao imprevisto, assim também pode ser pensada a conjunção tempo-espaço: ‘Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea dos outros (SANTOS, 2008, p.2).

²Giusti, A; Calvelo L. Em búsqueda de una medición de la reversibilidad” em Migraciones y procesos de integración regional. Ed Copiar. 1999 (tradução nossa)

Este artigo abordará primeiro os fatores que determinaram as trajetórias individuais, e como esses fatores desenham diferentes tipos de trajetórias espaciais. Sabendo-se, *a priori*, da coexistência contemporânea das dimensões temporais, culturais e espaciais e seu entrecruzamento no campo migratório.

A emigração de intelectuais na Argentina teve início na década de 1960, com a ditadura de Juan Carlos Onganía, (1966-1970). A partir daí até 1983, a combinação de ditaduras militares com políticas universitárias, culturais, científicas repressivas e a forte crise política, adquiriram um caráter quase crônico que levou a um êxodo de cientistas sem precedentes. Seis dos dezoito docentes entrevistados asseguram ter vindo ao Brasil por motivos políticos. Na época da chegada dos imigrantes ao Brasil, desenvolvia-se na Argentina o período da chamada “reorganização nacional” (1976-1983). Período que se diferenciou das etapas anteriores da ditadura argentina pelo abandono total da legalidade no combate à guerrilha, que de uma operação repressiva, converteu-se numa “guerra de extermínio”.

Eu morei e trabalhei na Argentina até o ano 1978. Fui sempre professor universitário. Na época, pela crise econômica argentina, que depois se transformou em problema político; saí e vim para o Brasil como professor visitante [...] Quando eu estava no Brasil, com licença sem vencimentos, fui demitido, na Argentina, como muitos outros professores. No departamento de filosofia, onde eu trabalhava, ficou apenas um professor. (Esteban, p.1)

Muitos imigrantes políticos crêem que a razão da migração de outros compatriotas coincide com a própria. Segundo Molina (2005, p.93) há uma tendência a que as pessoas se vejam mais centrais do que realmente o são. O senso comum da sociedade receptora, pelo desconhecimento do tema em questão, limita o motivo da migração argentina de acadêmicos para o Brasil à questão política.

A questão não é tão simples, já que com a volta da democracia, em 1983, o êxodo diminuiu e um número significativo de exilados de formação avançada voltou para Argentina. Porém, questões econômicas novamente contribuíram para a saída de professores em direção ao Brasil, entre elas o

problema do Plano Austral³ e a crise de 2001⁴. Alguns professores cursam pós-graduações em países europeus e ao retornarem à Argentina não conseguem uma inserção satisfatória: “Não consegui me inserir laboralmente ⁵, nem academicamente” (Julio, p.1)

Com respeito aos motivos de ordem econômica, a migração de acadêmicos argentinos para o Brasil responde mais a uma escolha realizada por indivíduos mobilizados por estratégias de superação social, que a uma migração de desesperados em procura de emprego. Muitos professores estavam empregados só que comparativamente com o Brasil as condições laborais eram inferiores. Contudo é específica, em nossa pesquisa, a multiplicidade de fatores que causam a migração. Na análise migratória devemos considerar fatores macro-sociais e fatores micro-sociais, nunca isoladamente. A capacidade de colocar em conjunto tanto variáveis estruturais como pessoais enriquece enormemente a compreensão do fenômeno migratório. Apesar da tendência em privilegiar os primeiros em detrimento dos segundos – os argentinos acadêmicos vieram para o Brasil por questões políticas ou econômicas – aparecem outras razões subjetivas que devem ser levadas em conta na análise das migrações como, por exemplo, a paixão pelo mar, questões sentimentais ou divergência de protótipos sociais:

Llegué en el año 86 en Brasil porque corro olas y me gusta, es un deporte que practico, vine aquí y me gustó. Vine de vacaciones para correr olas [...], vi posibilidades de trabajo y busqué trabajo [...].el núcleo más importante de mi migración fue esa más que política. (Juan, p.1)

³O Plano Austral foi um plano econômico implantado na Argentina durante o governo de Raúl Alfonsín. Com o plano, o austral se converteu na moeda legal argentina em 14 de junho de 1985 na tentativa de conter uma inflação que crescia assustadoramente, em substituição ao peso argentino vigente anteriormente. Em princípio o plano pareceu ter êxito para conter a escalada inflacionária, mas em 1986 iniciou um processo de desvalorização diante o dólar que nunca se reverteu. A nova moeda circulou por apenas 7 anos, sendo substituída pelo Peso "conversível" em 1992. Fonte: Lumerman, P. "Crisis Social Argentina". Ed Lumen. Buenos Aires. 1998

⁴ Em dezembro de 2001 iniciaram-se na Argentina alguns protestos de classes populares em algumas cidades das províncias, levados adiante pelos denominados "piqueteros". Alguns analistas políticos atribuem estas revoltas a um plano desestabilizador orquestrado por alguns líderes contrários ao governo. Fernando de la Rúa renunciou pouco antes da crise econômica provocada pela política econômica de câmbio fixo, dando início a uma grande recessão que levaria à queda do governo de Fernando de la Rúa. Fonte: Lumerman, P. "Crisis Social Argentina". Ed Lumen. Buenos Aires. 1998.

⁵ O entrevistado se refere a que não conseguiu se introduzir no mercado de trabalho

A primeira causa foi por uma questão do “coração”. Eu comecei a namorar na Argentina um cordobés, que quando o conheci, ele já pensava vir ao Brasil para fazer mestrado. Mas outra vez o coração fez com que eu ficasse aqui, porque já conheci um brasileiro (Andréa, p.1)

Um caso particular a ser tratado é o de um dos professores que expressa como razões de sua mobilidade a dissidência ao modelo social da sociedade Argentina e o acerto de contas com sua família. Esta última declaração merece especial tratamento por sua propriedade explicativa. O escritor francês Michel Maffesoli em seu livro “*Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*” (2001) lança a hipótese de que o desejo de errância contemporâneo tende a ressurgir como substituição, ou contra, o compromisso de residência que prevaleceu durante toda a modernidade. Sustenta que diante de uma sociedade se afirmando perfeita e plena, expressa-se a necessidade do vazio, da perda, da despesa, de tudo que não se contabiliza e foge à fantasia da cifra. Concorda com Michel Foucault sobre que as massas foram domesticadas, assentadas no trabalho e destinadas à residência, provocando uma espécie de bloqueio da circulação social e oferecendo proteção em troca da submissão. Maffesoli descobre que desta domesticação resulta a passagem do nomadismo para o sedentarismo:

Numerosas são as monografias, etnográficas em particular, que mostram que a transição das comunidades para as comunas, mais tarde destas para as entidades administrativas maiores, até se chegar ao estado nação, é acompanhada pelo nascimento de um poder tanto mais abstrato quanto mais afastado esteja. O nomadismo é totalmente antitético em relação à forma do estado moderna. [...] Fixar significa a possibilidade de dominar (MAFFESOLI, 2001.p.24).

A regulamentação da circulação por meio de leis migratórias e outros instrumentos, a boa gestão das disfunções ou dos acidentes que ela não deixa de induzir, permanecem há muito tempo na preocupação essencial do poder. “O que se move escapa, por definição, à câmera sofisticada do pan-óptico” (MAFFESOLI, 2001, p.25). Pode-se mesmo dizer que é próprio do político, na sua preocupação de gestão e de produtividade, desconfiar daquilo que é errante, daquilo que escapa ao olhar. Basta ler a legislação brasileira, especificamente o atual estatuto do Estrangeiro (Lei 6815/80) para perceber o caráter restritivo e rígido da legislação concernente à migração, elaborada

durante o desenvolvimento da ditadura no Brasil que caracteriza o migrante dentro da ideologia da segurança Nacional.

Para Maffesoli, foi característica da modernidade a intenção de ordenar, codificar e identificar o mundo (2001, p.23). Nosso entrevistado mostra o seu repúdio ao tipo de modelo de sociedade argentina intolerante ao diferente e sedenta de ordem nas décadas de 1950 e 1960. Caracteriza a geração dessa época como discretamente nacionalista, profundamente liberal, nojentamente conservadora e expressa seu desejo de abolição dessa sociedade bucólica em aparência: “nada é harmonioso e simples, sempre há uma relação de tensão; toda tradição é sempre uma relação de extradição⁶, de força e violência jogada contra o sujeito“. No princípio o entrevistado menciona sua dissidência a esse tipo de sociedade que provoca a sua migração, sua vontade de fugir desse controle, dessa homogeneidade dominada. Porém, na medida em que desenvolve sua fala, surgem outros fatores determinantes da sua migração. Outra dimensão deste tema pode ser observada na fala de alguns professores que expressam um sentimento de “prazer pelo corpo” no Brasil, como uma espécie de distensão em suas vidas cotidianas, em suas obrigações. Um afrouxamento da vida excessivamente escrupulosa e rígida própria de uma sociedade com forte presença de costumes estruturadoras do social de origem europeia, sociedades com forte coerção e sanção social.

Hay todo un sentimiento lo que yo pensé que iba a sentir en Inglaterra [...] lo sentí en Brasil. [...] me gustaron cosas de Inglaterra cuando fui a Gran Bretaña, [...]pero la cosa del sol, esas cosas del brasilero viste como que esa espontaneidad esa cosa del cuerpo, [...] sensualidad, [...] la estética [...] ¿La cosa de los colores, entendés?, esa cosa. Yo me acuerdo de las mallas que me compre, [...] me parecía que todo me quedaba bien y en Argentina me parecía que todo me quedaba mal. Los lugares que fuimos, todo me parecía bárbaro. (Laura, p.6)

De certo modo, pode-se observar o desejo de migrar como compensação necessária a uma vida regada por instituições estáveis de confins rigidamente demarcados em seu país de origem. Numa necessidade de

⁶Aqui, Tradição, como referência à herança cultural passada oralmente através das gerações ou conjunto de valores morais, espirituais, etc. transmitidos de geração em geração e que gera extradição, ou seja, obriga quem se considerar diferente, migrar para outro lugar. Dicionário Houaiss (2 ed., 2004)

equilíbrio entre nomadismo-sedentarismo, Maffesoli faz uma comparação entre o tropismo exercido pelo sul e a civilização anglo-saxônia:

Basta observar, a esse respeito o tropismo exercido pelo sul sobre a puritana e industriosa civilização anglo-saxônica para se dar conta de que valores trazendo à cena o ludismo, o prazer do corpo, o gosto do sol, o sentido a um só tempo trágico e frívolo da existência, são uma forma de compensação necessária a uma vida regrada por instituições estáveis de contornos bem definidos (2001, p.79-80).

A sociedade argentina possui uma história e uma forma social e culturalmente determinadas e associadas com o europeísmo (RIBEIRO, 2002). O europeísmo remete a uma complexidade de fatores históricos, sociológicos, econômicos, políticos, culturais e demográficos que faz com que a Europa seja o grande e subjacente referencial distintivo da “argentinidade”, Espelho construído mais pelos latino-americanos sobre os argentinos que pelos próprios argentinos.

No fundo, no espelho Argentina/Brasil terminam reproduzindo-se imagens estruturadas pelo encontro Europa/trópicos, só que desta vez distorcidas, pois que, obviamente, a Argentina não está na Europa. Brasileiros e argentinos estão irremediavelmente presos a um jogo especular entre si (RIBEIRO, 2002, p. 261).

Em relação à domesticação da época moderna, a Idade Média construiu-se essencialmente sobre a mistura, o movimento, o dinamismo lúdico e efervescente. Existia ali, uma tendência especial de se movimentar a fim de ultrapassar aquilo que os estados sociais tinham de coercivo e petrificado. Os historiadores localizam um nomadismo incessante perpassando todas as camadas sociais. A epopéia das cruzadas, por exemplo, para além das motivações religiosas indica uma inegável sede de outro lugar. E sabe-se que, se foram magros os sucessos militares, o contato com outras civilizações fascinou uma parte completa da nobreza européia. Existia no imaginário social essa mania pela locomoção. A busca do Graal⁷ não era apenas aristocrática e encontra a sua expressão em camadas muito diversas da população. Exemplos disso encontramos no *tour de France*, nas viagens iniciáticas dos jovens burgueses como nas andanças dos comerciantes. A tendência geral

⁷ Na literatura medieval, a procura do Graal representava a tentativa por parte do cavaleiro de alcançar a perfeição. Falta Fonte

mostrada por esses exemplos é que o nomadismo não se determina unicamente pela necessidade econômica, ou a simples funcionalidade. O que o move é coisa totalmente diferente: é o desejo da evasão. Nas palavras de Maffesoli:

É uma espécie de “pulsão migratória”⁸ incitando a mudar de lugar, de hábito, de parceiros e isso e para realizar a diversidade de facetas de sua personalidade. A confrontação com o exterior, com o estranho e o estrangeiro é exatamente o que permite ao indivíduo medieval viver essa pluralidade estrutural que cada um tem adormecida dentro de si (2001, p 51).

Na condição sociocultural do capitalismo contemporâneo, também denominado pós-industrial ou financeiro, os fluxos se reiniciam como resposta a essa domesticação da era moderna.

O certo é que a circulação recomeça. Desordenada até mesmo em turbilhão, ela não deixa nada nem ninguém indene. Quebra os grilhões e os limites estabelecidos e quaisquer que sejam seus domínios: político, ideológico, profissional, as barreiras desmoronam. Nada pode represar seu fluxo. O movimento ou a efervescência está em todas as cabeças (MAFFESOLI, 2001, p.27).

Se por um lado atua como vigia e controle, a rede mundial de telecomunicações, por outro, apresenta um mundo cheio de opções de viver, repleta de diferentes culturas que chegam às pessoas pela tela de seus computadores portáteis. Que tipo de migrantes gera o mundo de hoje? Com que obstáculos eles se confrontam? Quais os principais motivos da migração na fala dos migrantes? E os motivos inconscientes? A mobilidade humana acompanha esse paradigma do aqui e agora onde o lema é o movimento com uma tendência ao aumento em seu dinamismo.

Se tomarmos como indicador a média dos anos transcorridos entre o primeiro e o segundo deslocamento inserido na trajetória, ou seja, a média de tempo que os imigrantes permanecem em cada estação de seu roteiro, é possível observar que a mobilidade espacial se faz cada vez mais freqüente no

⁸Grifo do autor. O termo pulsão abarca todas as tendências instintivas ou surgidas à consequência de necessidades vitais, existe com freqüência a idéia de um objetivo. DORSCH, Dicionário de Psicologia. Ed Herder. Barcelona. 1976.

tempo. A média se reduz pela metade, de 10 a 4 anos, respectivamente. No grupo pesquisado, o fluxo se intensifica.

Ao dividir-se o grupo de pesquisa segundo as razões expressas de imigração, o grupo de imigrantes que chegou ao Brasil como conseqüência do exílio político permaneceu no primeiro ponto de sua trajetória de 25 a 32 anos por razões de tranqüilidade política e econômica em relação aos demais vizinhos latino-americanos. No depoimento de um deles:

No Chile estava Pinochet; Peru, Paraguai e Bolívia não eram países que ofereciam muitas oportunidades de emprego. O Uruguai encontrava-se em situação de crise política, muito semelhante à Argentina. Restava então o Brasil, país de enormes dimensões que nos anos de “milagre econômico” [...] transmitia a imagem de um economicamente estável, com maiores oportunidades de trabalho (Esteban, p.3)

Há casos no grupo estudado em que os migrantes chegaram formados com o grau de doutor, estendendo sua permanência no Brasil por mais de 20 anos; tais trajetórias têm menos escalas. Eles se inseriram como professores da Universidade Federal de Santa Catarina. Mesmo assim, deslocam-se especialmente com o fim de efetuar pós-doutoramento tanto em países europeus como em outros países da América Latina.

O grupo restante, que expressa o exílio econômico e razões pessoais como o principal motivo de sua estância no Brasil, permaneceu entre 5 a 10 anos em cada destino de suas trajetórias, em cada nó das séries migratórias.

No primeiro deslocamento o migrante oferece resistência porque de fato a sua saída é geralmente pela insatisfação – pessoal ou social – com algum aspecto com a sociedade de origem. Esse aspecto pode ser ideológico, econômico, social, entre outros.

Diante do exposto, cabe indagar o porquê do aumento do dinamismo nos migrantes acadêmicos? No caso dos professores universitários entra em jogo a variável da mobilidade espacial como ascensão na carreira acadêmica, a necessidade de especialização principalmente em países estrangeiros como legitimação do conhecimento. Em outras palavras, o tipo de sociedade informacional na qual estamos imersos exige uma bagagem cultural cada vez maior, o que gera mobilidade espacial como quesito indispensável aos professores universitários.

Não necessariamente opondo-se as idéias de Maffesoli, Bologna (2004) apresenta outra leitura sobre as causas do aumento do fluxo migratório contemporâneo. Num estudo, onde analisa a migração boliviana para a Argentina, o autor argentino explica o fenômeno como uma resposta da continuidade da corrente migratória que, com o tempo, apresenta tendência a ampliar seu dinamismo.

Los que arribaron en la década del cuarenta, se tomaron un promedio de más de diez años para ubicarse en un segundo lugar en el que permanecieran más de un año; mientras que para el mismo tipo de desplazamiento, los llegados en la última década requirieron dos años y medio. De esta manera se aíslan los efectos que podrían haberse explicado por factores individuales y aparece así como sostenible la hipótesis según la cual las características de la corriente migratoria -a nivel agregado- cambian a lo largo del tiempo en dirección a un incremento en su dinamismo. (2004, p.11)

Bologna atribui o incremento migratório, portanto, a uma mudança na característica da corrente migratória. Pensando-se em seqüência chega ao Brasil o primeiro migrante qualificado, depois dele chega um segundo que esteve em contato com aquele primeiro, este segundo traz outros dois que por sua vez trazem mais pessoas, e assim sucessivamente. Só que esta tese não explica por si a mobilidade espacial de profissionais altamente capacitados. Os qualificados não constituem uma rede migratória e de solidariedade com as mesmas características que os não-qualificados.⁹

O autor anteriormente mencionado convida-nos a olhar para o incremento da mobilidade espacial de migrantes não qualificados como resposta a construção de redes, enquanto Maffesoli chama a atenção para o nomadismo como um fenômeno que responde a questões sociais e subjetivas, variável que, em princípio, parece esclarecer melhor o tema que nos interessa. O autor francês relaciona a pulsão da errância com a impermanência das coisas numa sociedade caracterizada pelos laços fracos e fugazes, sociedade que poderia se distinguir como do “aqui” e “agora” ou sociedade líquida na interpretação de Bauman.

⁹ Na segunda parte deste capítulo abordaremos melhor este tema.

Assim como para o melhor ou para o pior, o tribalismo pós-moderno dá ênfase à explosão das sociedades homogêneas. Também é tempo de levar a sério a intensificação da pulsão da errância que, em todos os domínios, existe. Numa espécie de materialismo místico, lembra a impermanência de qualquer coisa. O que não deixa de fazer de todo mundo o viajante sempre em busca da outra parte, ou o explorador maravilhado desses mundos antigos que convém, sempre e ainda uma vez, inventar. Por que estar inquieto ou em desequilíbrio não é, afinal de contas, o próprio de todo ela vital (MAFESOLI, 2001, p.17).

Para o escritor, é tempo de levar a sério a pulsão da errância na sociedade atual tendente à liquidez das relações e à impermanência das coisas e dos objetos.

Até aqui foram apresentados os motivos que denominamos conscientes, entendendo por consciência a qualidade da mente que abrange qualificações tais como subjetividade, autoconsciência, sentiência, sapiência, e a capacidade de perceber a relação entre si e um ambiente, tanto nas consciências individuais como coletiva dos migrantes. Nas próximas páginas serão desenvolvidos os motivos que denominaremos de inconscientes. Os professores têm racionalidade de sua ação, de seu deslocamento ou dos motivos da migração no começo da mobilidade espacial, porém não tem como racionalizar ou controlar a continuidade desse movimento. Sayad citado no artigo de Rezende acrescenta e caracteriza o processo migratório como aleatório, dinâmico e incomensurável:

Esse movimento, ao mesmo tempo em que é o projeto e o processo (uma experiência) concreto, “calculado” e intencionado pelo indivíduo, é também completamente aleatório, imprevisto, dinâmico e incomensurável. Portanto, ao final, não é possível dizer que o imigrante, por mais racional que ele seja, emigrou um dia porque pesou na balança os prós e contras. Não apenas por isto, pois ele emigrou porque sentiu um desejo incontrolável e subterrâneo de se confrontar consigo e com a coletividade a qual pertence, de descobrir a si mesmo da maneira mais contundente possível, porque nessa via não há retorno (SAYAD *apud* REZENDE, 2005, p. 174).

No discurso dos entrevistados surgem termos ou expressões como “descobrimo”, “acordar”, “minha vida foi acontecendo”, “nunca existiu uma idéia de migrar ao Brasil, emigrei ao Brasil porque fui ficando (Jorge, p.6), “a mobilidade é necessidade, é algo inevitável, te leva a um determinado lugar” [...] (Martin, p.3) e que denotam essa aleatoriedade e esse desejo incontrolável assim como o confrontar-se consigo mesmos.

Creo que esas experiencias son por ahí más fuertes [...], eso fue toda una construcción que en mi vida se fue dando [...] no fue solamente la condición del trabajo yo creo que había otros elementos [...] que me fueron haciendo brasilera [...] o fueron descubriendo la brasilera que había dentro, uno se siente más brasilero que los mismos brasileiros (Laura, p.7)

La migración es necesidad, es algo inevitable, te lleva a un determinado lugar [...] yo creo que lo nuestro es más inmigración, nosotros decidimos venir para Brasil. Observá una cosa: la Migración es un acto de necesidad la inmigración es una expresión de la libertad de moverse. [Hablando de la causalidad de la migración] Yo creo que hay algo que te prepara para la capacidad de migrar, la capacidad de migrar es una expresión de la libertad de la persona (Martín, p 5-6)

“Entonces, ahora ¿Porque estoy aquí?” (Martín, p.6). É difícil para os migrantes perceberem-se verdadeiramente como parte de um fenômeno maior que os inclui: o nomadismo. Esse fenômeno é encarado como uma oportunidade de crescimento pessoal, uma vez que estar inquieto ou em desequilíbrio é próprio de todo elo vital. A mudança é própria da vida. Alguns migrantes não a percebem: “Diria que eu acordei três ou quatro vezes perguntando o que eu estou fazendo aqui e em momentos de muitas saudades” (Susana, p.5). Outros têm a visão do migrar como voltar a nascer ou relacionam a trajetória à origem.

- Para começar você pode falar sobre as trajetórias migratórias, sobre o histórico dessa mobilidade. Como foi essa trajetória? Quando ela começou?

- Você me faz uma pergunta metafísica que é a pergunta da origem, não? Onde você começa a se mexer. Eu diria que começo a me mexer a partir do momento que eu nasci. (José, p.3)

Dessa maneira, muitos dos migrantes, consciente ou inconscientemente, escolheram por uma vida diferente e nova. Muitos deles reconhecem a sua mobilidade como desejo de crescimento espiritual e ontológico¹⁰.

¹⁰Ontología es lo que Aristóteles llamó de Filosofía primera y luego se llamó metafísica. Parece tener dos temas de estudio. Uno es como Aristóteles lo llamó < el ser como ser> o <el ente en cuanto ente>. En este caso se toma el ser en toda su generalidad, independientemente de que clase de <ser> se trate, puede ser finito o infinito, material o no material, etc. El otro tema de estudio es <el ser> o <el ente> por antonomasia, es decir, aquel ser o ente principal del cual dependen o al cual están subordinados los demás entes. Clásicamente, este último ser es Dios, o el objeto de la Teología.[...] Para Heidegger hay una ontología fundamental que es precisamente la metafísica de la existencia. La misión de la ontología sería en este caso el

Como conseqüência a efervescência social aparece em qualquer nova estruturação na passagem de um tipo de sociedade a outra. Na sociedade atual o amor da aventura testemunha a força de uma cultura, sobretudo quando essa cultura se enraíza no imaginário, não se satisfazendo com uma institucionalização cheia de suscetibilidades e um tanto letárgica.

“Um corpo social, qualquer que seja guarda a memória de sua errância original. É preciso que descubra os meios de avivá-la. Assim procedendo, *redinamiza* a força de seu ser-conjunto e lhe assegura, a longo prazo, um poder específico” (MAFESSOLI, 2001, p.53)

Sobre a tendência simplista de reduzir o comércio à sua dimensão estritamente utilitária, Maffesoli se apóia nas considerações de Fernand Braudel, autor que aponta para a relação entre errância e o fluxo de trocas e insiste sobre o fato de que essa ligação é o elemento básico de qualquer sociedade. Esses fluxos estão prontos para aparecer e balançar as certezas estabelecidas e os diversos conformismos do pensamento. “Por saber escapar da esclerose da instituição (o fluxo) pode ser eminentemente construtor” (Mafessoli, 2001, p.59). Assim, a liberdade do errante não é a do indivíduo, econômico de si e econômico do mundo, mas exatamente a da pessoa que busca de um modo místico “a experiência do ser”. Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa sempre da ajuda do outro; o outro pode ser aquele da pequena tribo à qual se aderiu, ou o grande outro da natureza, ou de tal ou qual divindade. O dinamismo e a espontaneidade do nomadismo estão justamente em desprezar fronteiras (nacionais, civilizacionais, ideológicas, religiosas) e viver concretamente alguma coisa de universal.

Esse nomadismo esclarece o autor, não pertence ao conjunto da população, mas vivido por alguns alimenta o imaginário coletivo global. O autor traz o caso de Portugal como uma sociedade portadora dessa pulsão migratória. Explica a famosa “saudade” como esse amor pelo longínquo. Na expressão do autor: “É a nostalgia simultânea de um país aventureiro e de um

futuro que achará sua plena expressão na concretização das potencialidades legadas por um tal passado. Por que trazer este exemplo? Porque a colônia brasileira, conquistada por Portugal, carrega a arte de se misturar como condição associada à pulsão¹¹ da migração do português. A cultura, em seu momento fundador, é plural e efervescente e não saberia, por si própria, acomodar-se a uma situação de petrificação, sob o risco de murchar-se. A nostalgia do outro lugar engendra a errância que, por sua vez, favorece um ato fundador.

A Trajetória é Cultural

Existe uma intemporalidade na perspectiva de que somos hoje um legado de todos esses tempos ancestrais. É a nostalgia simultânea de um país aventureiro e de um futuro que achará sua plena expressão na concretização das potencialidades legadas por tal passado. É na errância que os professores argentinos materializarão as potencialidades herdadas por seus avôs imigrantes através da convivência na sua infância com os seus avós e os seus padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades desse grupo de migrantes que correspondem com o período das migrações transoceânicas de europeus a finais do século XIX e começo de século XX. Em certo sentido revelam uma espécie de cultura migratória ativa. Nas palavras de Calvino:

[...] o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar na cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos [...] (CALVINO *apud* REZENDE, 2005, p. 172).

É no Brasil onde se desvenda esse passado que os imigrantes não recordavam existir.

Talvez o que seja importante a dizer é que eu nasci em 1949, na Argentina. Filho de pais argentinos, mas os meus avós eram todos de nacionalidade diferentes. Eu acho que a gente tem no sangue um pouco disso, eu estou aqui e parece que estou lá ... Nosso pessoal já

¹¹O termo Pulsão foi explicado na página 56 deste trabalho.

migrou, tem essa história de ser estrangeiro na própria terra (Roberto, p. 1 e5).

Rezende (2005) analisa os sistemas de migração internacional e propõe uma análise estrutural dos mecanismos intermediários que atuam na mobilidade espacial. No último capítulo discute um aspecto essencial na sua tese, que é uma espécie de “ontologia do deslocamento”, refletindo desde a natureza constitutiva dos movimentos migratórios até seu questionamento político. Na nossa pesquisa muitos dos migrantes repetem a história de seus avós num reencontro com esse passado que não lembravam existir. Em alguns casos de perseguições, numa certa analogia (salvando as diferenças), entre as perseguições nazistas do começo da década do 30 do século XX e as perseguições ideológicas durante o período da ditadura militar, na Argentina. Trata-se de outro tempo e outro espaço, mas ainda assim de perseguição. Isso vem confirmar a idéia de que o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, proposta anteriormente por Calvino.

Mis cuatro abuelos escaparon del zar, de Rusia antes de la revolución, ponele 1904, había persecuciones terribles a los judíos en esa época, todos migraron y se conocieron, se casaron en Argentina, entonces mis padres eran la primera generación argentina, pero un argentino diferente. [...] A la madre de mi mamá le conseguí hacer una entrevista donde ella me contó toda la historia tratando de recuperar todo el pasado de ellos como mi pasado. Eso me dió un *twist* en mi vida, en términos de entender lo que significa la inmigración y yo sentirme parte de un pueblo errante repitiendo la historia de mis abuelos escapándose de la violencia... (Adriana, p.7)

Segundo Maffesoli, o nomadismo de Israel permitiu-lhe manter-se como entidade sólida. O exílio foi, portanto, um fator de coesão e favoreceu o sentido de perdurar: “da mesma forma o ideal do *homo viator*, do homem em viagem está na base da mensagem do evangelho. O próprio Cristo dá o exemplo através do mito da ascensão, que canoniza o desejo de outro lugar” (2001, p.30-31).

No segundo capítulo de seu livro, Maffesoli desenvolve o histórico do nomadismo e cita Georg Simmel, que ressalta o papel do estrangeiro nas interações sociais, como intermediários, com a exterioridade e, através dela, com as diversas formas de alteridade. O estrangeiro é uma espécie de barqueiro que atravessa as pessoas de uma margem para a outra. Ressalta

que o ser social é fluidez e circulação em perpétuo acontecer. Estrangeiro é sinônimo de comércio, que por sua vez é sinônimo de 'judentum', como adverte Marx em seu ensaio sobre a questão judaica.

Um outro caso de reencontro com o passado é o de um migrante brasileiro, avô de um dos entrevistados, que foi morar na Argentina. Quando a imigrante chega ao Brasil sente cheiro de fumo, o mesmo cheiro de fumo que ela associava diretamente com a figura de seu avô. Já no Brasil ela descobre que o seu avô era brasileiro. É interessante ressaltar, neste caso particular, o que o cheiro de fumo pode causar na migração, na integração de um migrante com seu lugar de destino. É um fator que não se pode menosprezar num estudo destas características.

A certidão de óbito dele mostra ser brasileiro, naturalizado argentino.. Eu estando na Argentina, não sabia. O pai da minha mãe é brasileiro, nasceu em São Paulo, eu procurei as certidões [...] foi no momento que eu queria tramitar a naturalização [...]. Duas coisas importantes me aconteceram quando cheguei a Florianópolis, a primeira vez que conheci Florianópolis na década dos 80, foi o cheiro de tabaco, um cheiro que era [...] hiperfamiliar, da casa de meu avô, uma coisa que me impactou, depois passavam os anos e descobri que meu avó nasceu no Brasil. (Susana, p. 2)

Alguns dos imigrantes, tanto quanto seus avós escapados dos czares tentam esquecer a sua migração e se adaptar ao novo espaço com sentimentos associados com o medo, a angústia e a morte. Esse sentimento pode ser observado nas palavras de dois dos entrevistados: “Siempre cuando voy a Argentina tengo una sensación de extrañeza, me siento extraña, es un sentimiento que no lo consigo definir, es una mezcla de nostalgia de la familiaridad con distanciamiento” (Adriana, p.9);” [...] en toda esa época se ha creado mucho odio y los que fuimos echados afuera nos mataron para la Argentina, prácticamente a vos te matan. Uno se tiene que considerar muerto para Argentina [...]” (Pedro, p.2).

Outros migrantes desejam repetir a história numa contra-migração para a Europa, na busca de seus antepassados. Essa memória marcada na infância provoca uma nova mobilidade, desperta desejo de voltar e se reencontrar com a origem.

Tenho a tripla nacionalidade. Sou argentino, brasileiro e Italiano e tenho, francamente, intenção de assim que me aposentar, ir morar um ano na Itália, pelo menos [...] porque esse negócio de voltar onde

foi o lugar de meus avós [...] eu mantenho contato com parte da família então [...] me daria muito prazer poder voltar para a Itália [...] eu tenho facilidade porque está no sangue [...] (Roberto, p. 5).

Este fenômeno é caracterizado por um dos entrevistados como “Édipo migratório”, volta-se da geração dos pais para a dos avós. O complexo de Édipo caracteriza-se por sentimentos contraditórios de amor e hostilidade. Metaforicamente, este conceito é visto como amor à mãe e ódio ao pai. Com respeito a este tema um dos professores expressa o seguinte:

É uma regra quase universal. Normalmente quem migra nesta etapa na América Latina (...) realiza uma sorte de « Édipo migratório » impugna os valores do pai para resgatar os dos avós. Eu conheço vários amigos onde a história se repete [...]. Costuma ser a primeira geração na América Latina [...] de profissionais que deixam de se ocupar do comércio ou da agricultura, de tarefas manuais, para serem professores universitários. Então, [...] essa geração de nossos pais foi discretamente nacionalista, profundamente liberal, eram os que nós achávamos de nojentamente conservadores e precisavam ser revogados. Sintomaticamente, nos reatamos com uma relação anterior que normalmente é a geração que migra, com uma ou com duas atrás, em meu caso foi meu avó que era galego, ou seja, que na verdade eu estou falando a língua de meu avó, estou falando português [...] e não a de meu pai (José, p.4)

Nesta pesquisa não se daria uma relação pai e mãe, senão pais e avós, evidenciada numa rejeição pelos valores da geração do pai e uma religação com a geração dos avós migrantes. Os casos apresentados têm uma forte identificação com os avós.

Mis abuelos maternos vinieron de España y fueron a radicarse en el Chaco. Después, consiguieron una tierra en Córdoba y finalmente volvieron para Buenos Aires. No conocí a mi abuelo, me dicen que me parezco a él y el viejo, por lo que yo sé, debía ser una persona extremadamente interesante. (Martín, p.5 e 6)

Segundo os depoentes não prevalece um fator sobre o outro. Nas palavras de um deles:

É complexo o processo de migração. Ele compõe-se de tantas coisas: de um romance familiar, de uma história política, de opções ou indecisões pessoais. Quero dizer que tudo incide, não diria que uma maior que a outra. Todas agem em conjunto, são tantas quantas você tiver condição de reconhecer. Essa resposta só se arma a posteriori, só quando você se pergunta por que eu estou aqui? O que que eu vim fazer aqui? (José, p.3)

A partir dos apontamentos apresentados na segunda parte do capítulo, pode-se concluir que o predominante é a multiplicidade de fatores que provocam o fenômeno migratório: são de índole política, econômica, por dissidência de modelos, por relações amorosas, por significância do mar, pulsão migratória, Édipo migratório, redefinição da personalidade, entre outros. Como já se havia discutido na construção do objeto, os fatores macro-estruturais afetam tanto quanto os fatores micro-estruturais na imigração acadêmica.

A mobilidade espacial foi condicionada estrutural e conjunturalmente por questões econômicas e políticas, entretanto teve a participação de elementos subjetivos, importantes para que muitas e muitos migrassem e outras e outros ficassem. Se a explicação central para a mudança é posta nas condições materiais imediatas, também não é menos cabível que outras questões, *paralelas*, coloquem-se como importantes na definição da migração.

Trajetória Espacial

O espaço de vida dos professores foi se ampliando com o decorrer do tempo. Por isso, neste aparte se percebe a necessidade de pesquisar o conjunto de deslocamentos e as mudanças de residência, onde a professor permanece por um período de tempo igual ou superior a um ano. Espacialmente, o conjunto de lugares a partir dos quais se operam os deslocamentos mudou no sentido que mesmo que lugares da Argentina continuam formando parte da residência base como locais de visita a familiares, na maioria dos casos Florianópolis aparece como a residência principal de onde partem todos os deslocamentos temporários, em outras palavras os fluxos reversíveis dos professores fazem referência a uma residência-base principal situada em Florianópolis, a partir da qual os deslocamentos têm alta probabilidade de retorno. A partir do antes dito caracterizamos o fluxo de professores argentinos como de irreversíveis já que estabelecem uma mudança de residência definitiva para o Brasil e sem referência à residência anterior (na Argentina), a qual já não intervém no sistema de reprodução familiar e socioeconômica do grupo emigrado. Este

espaço de migração circular e dentro dele os tipos de trajetórias espaciais achadas, parece ter relação como os diferentes motivos de imigração para o Brasil. Os tipos de trajetórias encontradas são os seguintes:

- **Trajetória direta:** quando o migrante se desloca da Argentina diretamente para o Brasil. A residência base se restringe a só dois locais: Argentina e Brasil.
- **Trajetória acadêmica de resguardo:** quando o migrante parte da Argentina reside num terceiro país por um período igual ou superior a um ano antes de chegar ao Brasil. A residência base se amplia para três locais: Argentina – outro país – Brasil.
- **Trajetória acadêmica com retorno para o Brasil:** quando o migrante parte da Argentina chega ao Brasil, desloca-se novamente para um terceiro país e volta finalmente para o Brasil. A estada é igual ou maior de um ano em cada lugar. A residência base se estende para quatro locais: Argentina – Brasil – outro país – Brasil.
- **Trajetória acadêmica com retorno para Argentina:** o migrante sai da Argentina, permanece no Brasil mais de um ano, retorna para Argentina e finalmente volta para o Brasil. Justamente o que diferencia este tipo de trajetórias das anteriores é que se protagoniza um retorno à Argentina. Segundo as características antes expostas a residência base estaria composta por: Argentina – Brasil – Argentina – Brasil

Trajetórias/décadas	1970	1980	1990	2000
Trajetória direta	Esteban, Elena	Rodolfo, Laura	Susana	Andréa
Trajetória acadêmica de resguardo	Roberto, José	Juan		
Trajetória acadêmica com retorno a Brasil	, Adriana, Vanesa, Jorge	Andrés, Julio.		
Trajetória acadêmica com retorno a Argentina	Pedro	Rita Rodrigo	Martín.	

QUADRO 1: Tipos de trajetória com relação à década de chegada.

Fonte: Organizado por Nadia Evelyn Burgos com base em pesquisa de campo - 2007.

Segundo o quadro 1, a trajetória direta acontece desde o começo do fluxo migratório de acadêmicos para o Brasil. Este tipo de trajetória é desenhado por motivos políticos, econômicos, motivos conscientes e inconscientes. Os migrantes políticos que pertencem a esta categoria saem da Argentina para o Brasil rapidamente, de maneira compulsória, muito deles só com a roupa que vestiam no momento. Os imigrantes que chegam ao Brasil na década dos 70 não efetuam retorno por razões como medo e perseguição ideológica. “Era un clima de terror. El departamento de economía que era el de mi marido no había quedado nadie bueno, y vos no tenés una dimensión del riesgo, del peligro, yo estaba en una paranoia total (...) no le hable mas a mi mamá por que tenía miedo” (Adriana, p.1).

[...]Mi migración fue forzada a tal punto que en los dos primeros años que estábamos la idea era no hacer contacto con ningún argentino [...] porque [...] estaba esa intervención en Paraguay, Uruguay y Argentina. Yo tenía pánico, por ejemplo, en Argentina. Para volver a visitar a mi familia lo pensé 10 años. En ese primer año, nosotros vivimos en una casa que era de la empresa, ellos nos dieron muebles y demás. Una chica que vivía ahí (en la casa de la empresa) cuando se enteró que venía una prima ella quería saber sobre Argentina y yo entre en pánico porque mi mamá me vino a visitar y yo no quería que mi mamá hablase, que no diga nada, era una cosa terrible, después de ese año nos fuimos a otra casita (Elena, p.1-2)

Os professores que deixam Argentina por motivos econômicos se inserem de maneira estável na universidade, como professores efetivos, o que faz com que a estada no Brasil se estenda de 10 a 30 anos e não exista vontade de retorno. A trajetória direta se produz em todas as décadas enquanto que a trajetória acadêmica de resguardo só se produz nas décadas de 1970 e 1980, justamente pelo fato de estar intimamente ligada ao desenvolvimento da ditadura militar. Este tipo de trajetória resulta numa espécie de amparo para migrantes argentinos que se encontravam num terceiro país durante o começo da ditadura militar na Argentina e optam por permanecer, em alguns casos estendem seu tempo de estadia no terceiro país ou migram para o Brasil com o propósito de observar a situação da ditadura desde perto, nas palavras de Roberto: “a minha intenção (...) era chegar perto de Argentina para ver, subindo no ‘Morro da Cruz’, como estavam as coisas por

lá, era o tempo que falavam do ‘falcon verde’¹² e a gente tinha medo (...)”. Colegas de trabalho brasileiros em terceiros países atuam como estímulo da migração para o Brasil.

Na categoria de **Trajetória Acadêmica com retorno a Brasil** se incluem os professores que chegaram ao Brasil na década dos 70 e dos 80 e que antes de chegar ao Brasil realizaram deslocamentos por vários países com o propósito de se aperfeiçoar através de pós-doutoramento principalmente em países do primeiro mundo. Nas décadas de 1990 e 2000 não existem professores que a pratiquem porém, a tendência de deslocamentos a terceiros países para aperfeiçoamento esta em aumento, a razão pode ser que a carreira acadêmica seja mais incipiente em comparação com os professores chegados na década de 1970 e 1980 com uma carreira acadêmica mais consolidada. Estes últimos têm constituído as suas famílias no Brasil e os laços fortes já não existem no país de origem, e sim no de destino; pelo que as possibilidades de retorno para Argentina são baixas.

Com a volta do governo democrático na Argentina, alguns professores que chegam na década de 1980 retornam. Entretanto, a falta de emprego faz com que regressem novamente ao Brasil sob um panorama de deficiência do Estado no repasse de verbas à academia. Das dezoito trajetórias reconhecidas nas entrevistas, quatro protagonizam uma **Trajetória acadêmica com retorno para Argentina**. Um professor que chega na década de 1990 ao Brasil retorna para Argentina no final da década citada por sentir uma espécie de compromisso com o país onde nasceu e por laços de parentesco fortes no país rio - platense. Retorno sem suceso pela crisis que no 2001 afetou à República Argentina.

Terminamos el doctorado, quisimos buscar trabajo y no conseguimos en Argentina [...] Mandamos nueve cartas a nueve universidades argentinas que decía: ‘Somos un matrimonio doctores en filosofía y tal’, con el currículum. Mandamos para Salta, la Patagonia y dos para Brasil [...]; mandamos para acá y mandamos para Santa María... ninguna de las nueve cartas, nunca nos respondieron y en las dos de Brasil nos ofrecieron trabajo como profesores visitantes. (Rita, p. 1)

¹² Foi o veículo utilizado para o seqüestro e a morte pelos agentes da repressão militar durante os anos da ditadura, o Ford Falcon verde se transformou num símbolo do terror. Disponível em: <http://www.terra.com.ar/especiales/golpe/simbolos.html>

Ao retornar finalmente para o Brasil, estes professores acabaram por se incorporar à mobilidade de profissionais qualificados, o que implica realizar doutoramento e pós-doutoramento em países do primeiro mundo, para depois retornarem ao Brasil. Neste sentido devemos considerar os aportes de Goettert (2007), para quem positivities podem passar a ser representadas como negatividades e estas como potencialidades. Neste caso a migração forçada fez com que os professores se incluíssem dentro da academia, o que lhes permitiu gozar de condições laborais melhores que as de seu país de origem constituindo uma migração de êxito, nas palavras de uma professora:

-Después de vos, bueno porque vos llegas por algo forzado, una migración que no habías cogitado, pensado, esto fue una cosa forzada. Sin embargo, nunca me sentí mal por eso, pienso que fue una suerte porque yo conseguí hacer una vida académica significativa que en Argentina no hubiera tenido posibilidad. Yo pienso que fue bueno haber salido de allá. Siempre quise ser investigadora y aquí los sueldos eran buenos ahora bajaron un poco de la gente que yo conozco [en Argentina] poquísima [...] hizo una vida académica. (Adriana, p.5)

A informação providenciada pelas histórias individuais permite avançar na compreensão das relações que se estabelecem entre a trajetória e a variável distância. A distância da família determina em alguns casos a trajetória dos migrantes. Nas palavras de uma das entrevistadas: “*eu tive a possibilidade de morar em Manaus, mas não quis morar lá pela distância. Agora Florianópolis – Córdoba está aí, um pulinho e estou aí. A distância influencia muito na decisão*”. (Susana, p. 5)

Cuando yo vivía en EEUU y el Caribe yo me sentía muy lejos, por eso me vine más cerca. Acá, como bien sabes, tomás un ómnibus y estás allá. Allá en el Caribe eran 800 dólares ida y vuelta, era medio complicado [...] Mis padres estaban en una edad avanzada digamos, entonces acá tenía vínculos, mi familia, que veía de vez en cuando. (Juan, p.2)

Em suma, os diferentes motivos de imigração para o Brasil desenharam as trajetórias dos professores universitários argentinos o que nos permite asseverar que:

- as trajetórias de resguardo e direta coincidem com os professores que chegam ao Brasil por motivos políticos;
- a trajetória acadêmica com Retorno a Argentina coincide com os professores que saem da Argentina por motivos econômicos
- a trajetória acadêmica com retorno ao Brasil é continuada por professores que migraram ao Brasil por razões políticas e por razões econômicas e que se incluem dentro do nomadismo acadêmico.

Por tudo o que analisamos até aqui, cabe a indagação: quando começa, verdadeiramente, a trajetória migratória dos professores argentinos que atuam na Universidade Federal de Santa Catarina hoje? Quando os migrantes chegam à rodoviária, no aeroporto de Congonhas? Nas perseguições nazistas aos judeus, na época dos czares da Rússia? Nas migrações transoceânicas do começo do século XX? Chama especialmente nossa atenção a observação de um dos professores: « Na migração a gente viaja antes de viajar (José, p. 8). Então quando começou a minha migração? Provavelmente [...] com dez anos quando há alguma história que não guardei, que essa amiga de minha mãe conta para ela. (José, p.3)

Certamente, remonto ao passado e há duas cenas que são como que as protocenas [...] disse tudo, muitos anos depois, sem eu saber eu constato que o caderno de escola primária que eu tinha, o caderno êxito tinha uma ilustração, um cartão postal na capa que era o monumento às bandeiras de Brecheret que eu ignorava absolutamente. A imagem do caderno passou a ser uma imagem dos sete ou oito anos que eu morei em São Paulo, na Vila Mariana e tinha que ir à USP; ou seja, que passávamos pela Brigadeiro e eu via aquela imagem que era a de meu caderno escolar eu tinha 10 anos mais ou menos. E me lembro que nessa idade [...] fui visitar uma amiga de meu pai que nos recebeu com muita pompa, muita formalidade, como se fazia naquela época. Me lembro de uma conversa que a minha mãe teve com a dona de casa que elogiou uma peça, uma escultura e a dona disse: 'ah, essa peça é de Titibum¹³, meu irmão que é escultor e mora em Florianópolis'. Com o correr dos anos eu vim me tornar amigo da sobrinha dessa senhora uma excelente crítica literária [...] que um dia me confessou a história do tio Titibum. Era uma família tradicional de fazendeiros do sul da província de Buenos Aires e o tal tio Titibum tinha tido um caso com o padre da igreja do Pirovano e obviamente, ante o escândalo, a família hipertradicionalista, católica [...] manda o artista Titibum rapidamente ao Brasil. Ele acabou aqui, e viveu longos anos em Florianópolis. Ou seja, de alguma maneira eu estava voltando a repetir o gesto

¹³ Titibum é o nome dado pelo entrevistado a esta certa pessoa para não revelar a sua identidade.

inconsciente, de alguém dissidente, com relação às estruturas familiares, as convenções religiosas, os faz de conta, os semblantes, etc. Então quando começou a minha migração? Provavelmente [...] já com dez anos quando ha alguma história que não guardei que essa amiga de minha mãe conta para ela (José, p.4),

Duas coisas importantes me aconteceram quando cheguei à Florianópolis [...] na década dos 80 e foi o cheiro a tabaco. Um cheiro que era [...] hiperfamiliar da casa de meu avô, uma coisa que me impactou. Depois passaram os anos e estou aqui. Soube, meu avô nasceu no Brasil. (Susana, p.4)

O deslocamento migratório parece começar antes do deslocamento físico, este parece ser uma resposta ao deslocamento através de representações, imagens do novo lugar, inclusive de pinturas inconscientes que os migrantes significaram de maneira especial ao ponto de guiar a sua trajetória migratória e a sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A migração de profissionais argentinos para a universidade de Santa Catarina responde a uma multiplicidade de fatores: espasmos emigratórios produzidos por “exílios políticos”, derivados da repressão na última ditadura militar, bem como as sucessivas crises econômicas argentinas, estudadas pelos enfoques economicistas, além de fatores subjetivos e/ou simbólicos – como dissidência de modelos sociais, relações amorosas, entre outros – e inconscientes – como pulsão migratória, Édipo migratório, redefinição da personalidade, entre outros. Esses e outros motivos podem ter desenhado as trajetórias dos professores universitários argentinos. Todavia, os sujeitos desta pesquisa, embora possuam consciência de sua ação, de seu deslocamento ou dos motivos da migração no começo da mobilidade espacial, não conseguem racionalizar ou controlar a continuidade desse movimento, bem como perceberem-se parte desse nomadismo característico dos professores que lecionam na Universidade.

Na sociedade atual, caracterizada por laços fracos e fugazes, a pulsão da errância ocupa um papel legitimador da impermanência das coisas. Sobre isso, é importante enfatizar que imigrantes argentinos revelam uma espécie de

cultura migratória ativa e uma re ligação com as trajetórias dos avós migrantes, o que poderia representar mais um motivo da pulsão e a configuração de um quarto tipo de trajetória que poderíamos denominar de “imaginária”. Ela parece ser gerada pela busca das origens e pode ser observada na nossa pesquisa através de referenciais culturais inconscientes que os imigrantes reconhecem no novo espaço da migração e que interferem na apropriação criativa de novos códigos culturais. Assim, conforme as falas dos imigrantes, em alguns casos a trajetória migratória parece começar antes da migração espacial e é favorecida a partir de representações e imagens do Brasil que os professores criam com anterioridade ao deslocamento espacial pelo que não é aconselhável reduzir a migração de pessoas qualificadas só as questões econômicas.